



nº 32  
4º trimestre  
de 1994

## EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

**Director**  
Paulo Abrantes

**Redacção**  
Alexandra Pinheiro  
Ana Paula Canavarro  
Ana Vieira  
Eduardo Veloso  
Helena Lopes  
Henrique Guimarães  
Isabel Amorim  
Maria João Lagarto  
Rosário Ribeiro  
Susana Carreira

**Entidade Proprietária**  
Associação de Professores  
de Matemática

**Periodicidade**  
Trimestral

**Tiragem**  
3500 exemplares

**Composição**  
Gabinete Técnico da APM

**Capa**  
Gabinete Técnico da APM

**Montagem, fotolito e impressão**  
Costa e Valério  
Nº de Registo: 112807  
Nº de Depósito Legal: 86359/95

**Correspondência**  
Associação de Professores  
de Matemática  
Escola Superior de Educação de Lisboa  
Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos  
1500 Lisboa  
Tel/Fax: 7166424

**Nota: Os artigos assinados  
são da responsabilidade dos seus  
autores, não reflectindo  
necessariamente os pontos de vista da  
Redacção da Revista.**

# Porque é que eu gosto da Pipi das Meias Altas?

João Filipe Matos

Será a força, será a visão das coisas, será o recusar os *paizinhos*? Não penso de todo que tenhamos necessariamente que saber os porquês de tudo. Sou mesmo daqueles que não se preocupam muito de não saber por exemplo porque é que o actual Primeiro Ministro vai (ou não vai) continuar à frente dos destinos do País...

Claro que há porquês e porquês. Penso que como professores é fundamental *sabermos* porquê e para quê é que os nossos alunos aprendem Matemática na escola. Isso é concerteza uma forma de mantermos um grande objectivo em mente que ajuda a orientar as nossas opções como profissionais e a enquadrar e justificar algumas das decisões de conjuntura que temos necessariamente que fazer ao gerir um programa de ensino.

É claro também que os preâmbulos (quem os lê e discute?) dos programas apresentam as Finalidades e Objectivos Gerais do ensino da Matemática. Mas apostava que as razões aí apresentadas têm em geral muito pouco que ver com as razões que (imagino) a Ministra da Educação (ou a sua equipa) tem como suas.

É óbvio também que cada um de nós é capaz de apontar razões e argumentos para que se aprenda Matemática na escola. Quer essas nossas razões e argumentos sejam os dos *Standards* do NCTM (os argumentos dos americanos) quer sejam os (mesmos) argumentos dos novos programas, a verdade é que todos somos capazes de justificar que os alunos devem aprender Matemática na escola.

Mas e as razões da Ministra? Habitúamo-nos durante muito tempo a avaliar a importância atribuída às coisas pelo poder através do tipo de sanção que era aplicada a quem não cumprisse. É à luz desta experiência que devemos interpretar as recentes medidas ministeriais de não deixar transitar de ano os alunos que não forem aprovados em Matemática e em Português? Que o ensino da Matemática é importante para a Ministra não temos já dúvidas. Ainda recentemente, nas prioridades dos cursos de formação contínua a contemplar pelos programas de financiamento, lá estava a Matemática à cabeça. É óvio que a importância aparentemente atribuída pela Ministra à Matemática deveria ter uma correspondência em medidas quer de política educativa quer em termos mais pragmáticos que contribuíssem de facto para melhorar o ensino dessa disciplina. Por outro lado, era importante perceber a natureza da importância que a Ministra atribui à aprendizagem da Matemática. Será que vamos descobrir daí a algum tempo que as preocupações da Ministra têm muito que ver com as preocupações de natureza economicista de diversos ministros da educação em Inglaterra desde o governo de Thatcher em que foi aprovado o currículo nacional? Iremos descobrir que os poucos departamentos do Ministério que ainda dão alguma atenção aos problemas do ensino da Matemática o fazem na lógica de apoio a uma reforma curricular a *qualquer preço*?

Qual é afinal a política do Ministério em relação ao ensino da Matemática? Não se estará a preparar uma infusão (saborosa para alguns...) depois de cozinhar os novos programas na água a ferver da realidade das condições de trabalho dos professores nas escolas? Não sei porquê, ocorreu-me aquela adivinha tradicional de Cabo Verde acerca do café e que não resisto a transcrever em crioulo: "Kuza ma kuza, kru dosi, kusidu margos?" (Qual a coisa qual é ela, crua é doce cozida é amarga?).

João Filipe Matos  
Universidade de Lisboa